

MANIFESTO PARA O FUTURO



focus
BRASIL

Texto aprovado pelo PT projeta 2026
com agenda de reformas, defesa do
papel do Estado e ampliação de
políticas sociais e produtivas

» PROGRAMA **Reconexão Periferias**

exibido quinzenalmente, às
terças, 17h no canal da FPA

▶ **ACOMPANHE :**  /FundacaoPerseuAbramo



focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Coordenador editorial: Guto Alves

Diagramação e Arte: Nathalie Nascimento

Colaboradores: Claudia Rocha, Fernanda Estima,

Fernanda Otero, Henrique Nunes



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente Interino: Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre
Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Árabe,
Jorge Bittar e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana
Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton
Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura
Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de
Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de
Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando
Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes,
José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís
Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges
Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges
Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,
Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes,
Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto,
Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),
Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia
e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves
das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França
Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas
(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane
Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo
(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína
Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),
Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio
Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça
Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida
da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana
São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



CAPA

Manifesto do PT projeta 2026 com agenda de reformas e reeleição de Lula no centro
pág. 04

Entre estratégia eleitoral e agenda de reformas, congresso do PT projeta 2026
pág. 06

“Não podemos considerar retrocesso”: Haddad alerta para disputa em 2026
pág. 08

“Tenho força e energia para continuar”: Benedita celebra aniversário reafirmando compromisso com o PT
pág. 09

ARTIGO

Em congresso do PT, Lula alerta para disputa de valores e critica avanço da extrema direita
pág. 10

ARTIGO

Oitavo Congresso do PT:

pontos para um balanço
pág. 12

Congresso do PT 2026: unidade para vencer
pág. 11

Prisão de presidente, bloqueio, eleições, avanço progressista e reformas: como está a política na América Latina?
pág. 13

BRASIL

Governo federal irá repatriar fóssil de dinossauro brasileiro que estava na Alemanha
pág. 19

“Um alívio”: STF manda SP indenizar fotógrafo que ficou cego por ação da PM em 2013
pág. 21

POLÍTICA

Fundação Perseu Abramo discute cenário internacional com lideranças partidárias da América Latina
pág. 22

Presidente do PT reflete sobre o enfrentamento ao fascismo diante de delegações estrangeiras
pág. 25

Eleições e América Latina: organização popular e solidariedade internacional
pág. 26

No coração do capitalismo, uma nova esquerda desafia o “sonho americano” e redefine a política nos EUA
pág. 28

Brasil e China reafirmam aliança pela prosperidade compartilhada e soberania tecnológica no encerramento da Jornada Internacional
pág. 30

CULTURA

FPA inicia digitalização das edições impressas da revista Teoria e Debate
pág. 32

Manifesto do PT projeta 2026 com agenda de reformas e reeleição de Lula no centro

Documento aprovado no 8º Congresso do partido, Manifesto do PT orienta estratégia para o ciclo político, defende reformas e articula soberania, desenvolvimento e ampliação de direitos

Henrique Nunes

O Partido dos Trabalhadores aprovou, no fim de abril, o documento “Construindo o futuro: Manifesto do PT para seguir transformando o país”, que passa a orientar a estratégia da legenda para as eleições de 2026.

Consolidado durante o 8º Congresso Nacional do partido, realizado em Brasília entre os dias 24 e 26, o texto organiza um conjunto

de propostas de reformas estruturais e reafirma a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva como eixo político da tática partidária.

O manifesto pode ser acessado na íntegra aqui.

Mais do que um balanço do momento, o documento sistematiza diretrizes para o próximo ciclo a partir da leitura de um cenário de reorganização política, econômica e institucional. O texto afirma que “vivemos uma mudança de época”, marcada pela crise do modelo neoliberal e por disputas sobre os rumos do desenvolvimento.

Reformas no centro do Manifesto

O manifesto elenca um conjunto de reformas consideradas centrais. Entre elas estão a reforma política e eleitoral, com o objetivo de ampliar a participação e alterar o funcionamento do sistema de representação; a reforma tributária, com foco na redução da desigualdade e na ampliação da progressividade; mudanças no funcionamento do Judiciário; e uma agenda voltada à soberania tecnológica e produtiva.

Também aparecem como prio-



ridades a reconstrução da capacidade administrativa do Estado, a reforma agrária com ênfase na soberania alimentar e a reforma da comunicação, com enfrentamento à concentração no setor. No campo social, o documento defende a ampliação da educação em tempo integral, a universalização de políticas públicas e a redução da jornada de trabalho, com o fim da escala 6x1.

Estratégia para 2026

A estratégia delineada pelo partido está diretamente vinculada ao cenário de 2026. O documento parte da avaliação de que a disputa eleitoral ocorrerá em um ambiente de polarização e reorganização das forças políticas, com a necessidade de construção de maiorias capazes de sustentar um novo ciclo de desenvolvimento.

Nesse contexto, a reeleição de Lula é apresentada como elemento central para dar continuidade às políticas em curso e viabilizar o avanço das reformas propostas.

Balanco e direção de governo

O texto incorpora um balanço das ações do governo desde 2023, destacando a retomada de programas sociais, políticas industriais e investimentos públicos. São mencionados a recomposição de políticas de transferência de renda, a valorização do salário mínimo, a redução do desemprego e a ampliação de iniciativas na educação e na saúde, além da reativação de instrumentos de planejamento e financiamento do desenvolvimento.

O documento sustenta que esses resultados marcam uma inflexão em relação ao período anterior, apontando a recuperação de indicadores sociais e econômicos e a recomposição da capacidade de atuação do Estado.

Manifesto defende redução da jornada, ampliação de direitos e políticas sociais como base para o próximo ciclo de desenvolvimento

Soberania e cenário internacional

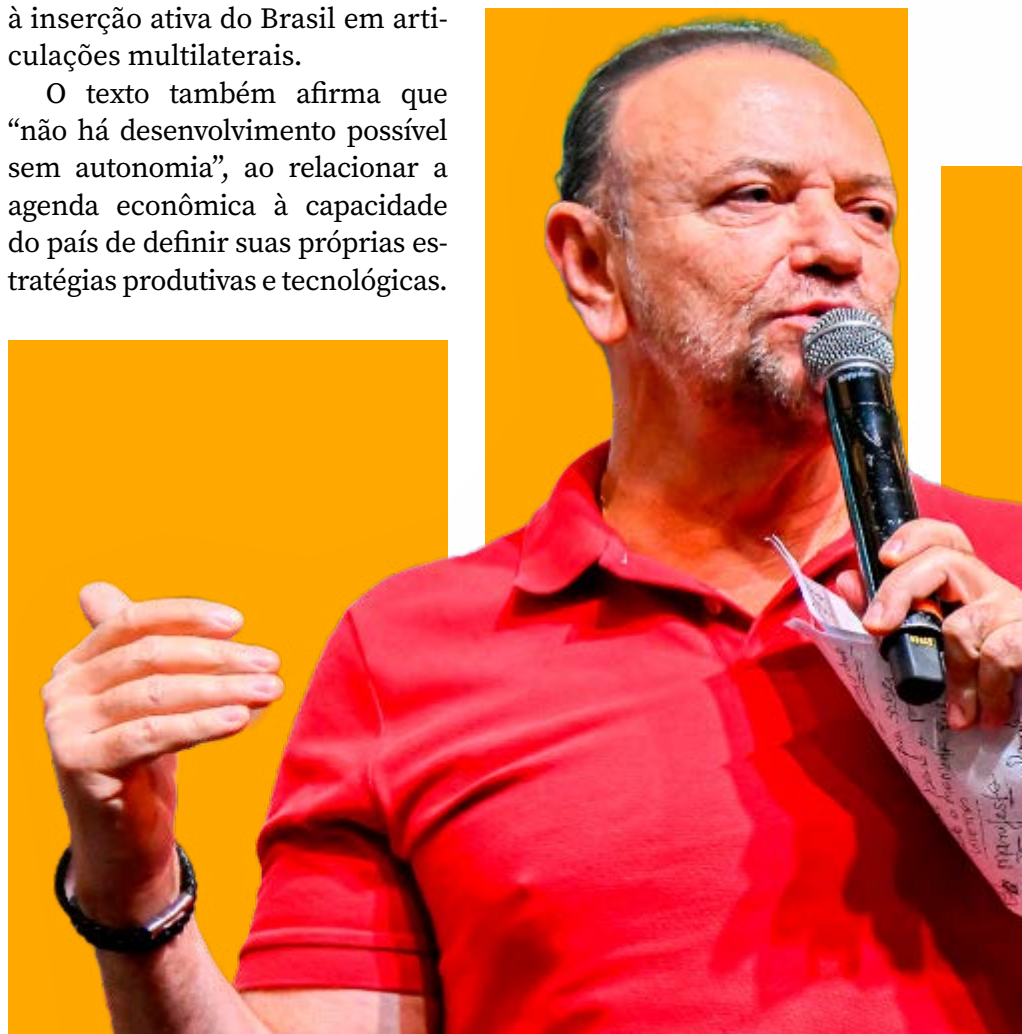
No plano internacional, o manifesto associa a agenda doméstica a um cenário de mudanças na ordem global, com disputas econômicas, tecnológicas e geopolíticas em curso. A defesa da soberania aparece vinculada ao controle de recursos estratégicos, ao desenvolvimento tecnológico e à inserção ativa do Brasil em articulações multilaterais.

O texto também afirma que “não há desenvolvimento possível sem autonomia”, ao relacionar a agenda econômica à capacidade do país de definir suas próprias estratégias produtivas e tecnológicas.

Organização e base social

Além da agenda econômica e institucional, o manifesto aborda a organização partidária. O texto defende o fortalecimento das instâncias do partido, a ampliação da presença nos territórios e a atualização das formas de organização da classe trabalhadora, com ênfase na atuação de base e no diálogo com diferentes setores da sociedade.

A aprovação do documento consolida uma síntese política que combina balanço de governo, diretrizes programáticas e estratégia eleitoral. Ao colocar o manifesto no centro de sua atuação, o PT organiza sua intervenção no debate público e estrutura o caminho para as eleições de 2026 a partir de um programa que articula reformas, desenvolvimento e participação social. ■





Entre estratégia eleitoral e agenda de reformas, congresso do PT projeta 2026

Encontro nacional aprova manifesto com diretrizes estruturais, reafirma a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva como eixo político e aponta ampliação do diálogo social como estratégia para o próximo ciclo eleitoral

Fernanda Otero

O 8º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores terminou com a aprovação de um Manifesto político e com a reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva como eixo central da tática partidária para 2026. Realizado entre 24 e 26 de abril, em Brasília, o encontro reuniu 519 delegados de todo o país, alinhados na defesa do governo e na proposta de ampliar o diálogo social, especialmente fora das redes.

O documento “Construindo o futuro: Manifesto do PT para seguir transformando o país” atualiza o projeto do partido e lista reformas estruturais: político-eleitoral; tributária, com ênfase em justiça tributária e combate à concentração de renda; do

Judiciário; tecnológica, com foco em soberania digital e produtiva; administrativa, voltada à reconstrução da capacidade pública; reforma agrária, pela soberania alimentar; e reforma da comunicação, com enfrentamento aos monopólios do setor. O texto também defende a universalização da escola em tempo integral e o fim imediato da escala 6x1, com ao menos dois dias de folga semanais.

2026 no centro da estratégia

Os congressos partidários também funcionam como espaço de encontro da militância. No caso do 8º Congresso, o centro do debate foi a eleição de 2026 e a definição da tática eleitoral. Nesse contexto, o delegado do PT-DF, Fabiano Trompetista, avaliou que o partido cumpre ali sua tarefa de “nortear a estratégia política”.

A percepção de que o encontro marca um momento decisivo também aparece entre parlamentares. Em seu primeiro congresso, a deputada estadual Dani Portela (PT-PE) destacou a importância de definir estratégias e ampliar a presença institucional. Para ela, a continuidade do projeto passa pela reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva. “A caneta que muda a vida das pessoas precisa continuar no campo popular democrático”, afirmou.

A dimensão territorial e o papel da escuta foram ressaltados pela deputada estadual indígena Eliane Xunakalo (PT-MT), que apontou o congresso como espaço de alinhamento entre diferentes realidades do país. Já o vice-presidente da UNE, Gutemberg Rodrigues, chamou atenção para o cenário eleitoral à frente. Segundo ele, o partido se prepara para uma disputa “não tranquila”

em 2026, com foco na disputa de projeto de país e na ampliação de bancadas no Congresso.

A leitura de que o momento exige centralidade estratégica na eleição também foi reforçada pelo deputado Pedro Uczai (PT-SC). Para ele, o encontro evidenciou a diversidade da militância e a importância da reeleição. “É decisiva para o futuro do Brasil, da soberania nacional e da democracia”.

Movimento negro cobra avanços e aponta conquistas

A presença do movimento negro foi marcada por reivindicações organizativas e pela avaliação de avanços. Thaís Carvalho, do Rio Grande do Norte, integrante do Coletivo Nacional de Combate ao Racismo, destacou a articulação dos delegados do movimento negro e o perfil do congresso. “Mais da metade dos participantes deste congresso se declarou preta ou parda”, disse.

Em uma avaliação positiva, ela considera que o encontro consolidou “vitórias” defendidas há anos. Entre elas, citou a proposta de curso de letramento racial para candidaturas e a criação de uma banca de autoidentificação para fortalecer candidaturas de pessoas pretas e pardas.

Congresso reforça articulação internacional do partido

A dimensão internacional foi apontada como um dos pontos altos do encontro. A programação, organizada em parceria com a Fundação Perseu Abramo desde a quarta-feira (22), reuniu representantes estrangeiros e reforçou o caráter global do congresso. Fo-

ram 70 convidados internacionais de 23 países, entre eles, 16 embaixadores.

Os Núcleos do PT no exterior marcaram presença com representantes da Argentina, Barcelona, Irlanda, Lille e Paris. A coordenadora do núcleo de Barcelona, Heike Weeage, ressaltou o ambiente amistoso e fraterno dos dias do evento. “Vou me aprofun-

“A caneta que muda a vida das pessoas precisa continuar no campo popular democrático”, afirma Dani Portela ao defender a reeleição de Lula como eixo da estratégia do partido

dar nos temas discutidos durante o congresso, para me preparar para a segunda etapa”, disse.

Entre os delegados, o tema apareceu em destaque. O delegado Ivanildo, de Goiânia (GO), mesmo crítico à ausência de tarefas práticas, ressaltou a “mesa das autoridades internacionais” como um dos momentos mais relevantes, pela troca de experiências com delegações estrangeiras.

A avaliação sobre o peso internacional do encontro também foi compartilhada pelo senador Humberto Costa, secretário de Relações Internacionais do PT. Segundo ele, a presença de par-

tidos, países e embaixadas demonstra a “respeitabilidade” internacional da legenda. O desafio agora, afirmou, é estruturar essa força e transformá-la em ação política concreta.

Entre avaliações, prevalece leitura de unidade

Apesar de avaliações distintas sobre o formato, a leitura predominante foi a de um congresso que cumpriu seu papel político. O delegado Raimundo Itamar Filho, do Ceará, afirmou que o encontro “cumpru o objetivo dentro do possível”, destacando o intercâmbio entre militantes de diferentes regiões e setoriais.

O deputado Jilmar Tatto, secretário-executivo do congresso, classificou o resultado como “sucesso total” e afirmou que o partido sai do encontro com unidade e diretrizes claras.

A mesma avaliação aparece na fala do secretário-geral do PT, Laércio Ribeiro, que destacou o caráter estratégico do encontro e o papel do manifesto como síntese política. “A avaliação é positiva.

Iniciamos um espaço importante de debate, discutindo tática eleitoral e diretrizes do programa. Saímos com um manifesto dirigido não só ao PT, mas à sociedade brasileira”, afirmou.

Ele ressaltou ainda que o congresso não se encerra em si. “É um processo que continua, com novos debates sobre organização partidária e programa no próximo período”.

Para Laércio, o principal resultado foi político. “O ponto alto é o manifesto. O recado agora é ir para o enfrentamento eleitoral e apresentar ao povo brasileiro o que já fizemos e o que propomos para o futuro”. ■



“Não podemos considerar retrocesso”: Haddad alerta para disputa em 2026

Haddad afirma que cenário eleitoral exige mobilização e defende continuidade do projeto político como condição para avançar nas transformações em curso

Redação Focus Brasil

O ex-ministro da Fazenda Fernando Haddad afirmou (PT-SP) que o campo democrático não pode trabalhar com a possibilidade de derrota nas eleições de 2026 e alertou para a necessidade de mobilização política diante do cenário de disputa.

“Não podemos considerar a

hipótese de um retrocesso em outubro”, disse, ao tratar do momento político durante as discussões ligadas ao 8º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores.

Segundo Haddad, a eleição será decisiva para definir a continuidade ou a interrupção das políticas em curso. “Está em jogo o que foi reconstruído até aqui”, afirmou, ao defender que o debate eleitoral deve ser conduzido a partir dos resultados e das propostas para o país.

Disputa exige mobilização e clareza de projeto

Ao longo de sua fala, o ministro destacou que o cenário exige organização e capacidade de comunicação. “A gente precisa mostrar o que foi feito e o que ainda precisa ser feito”, disse, ao apontar a importância de dialogar com a população a partir de dados concretos e propostas.

Haddad também ressaltou que a disputa não se limita ao campo econômico. “É uma disputa de projeto de país”, afirmou, ao indicar que o enfrentamento com a extrema direita envolve dimensões políticas, sociais e institucionais.

Para o ex-ministro, o momento exige coesão e estratégia. “Não dá para subestimar o que está em jogo”, disse, ao reforçar a necessidade de articulação entre governo, partido e base social para sustentar um novo ciclo de desenvolvimento. ■

“Tenho força e energia para continuar”: Benedita celebra aniversário reafirmando compromisso com o PT

Deputada destaca trajetória histórica no partido, valoriza a militância e defende continuidade do projeto político em meio às discussões sobre o futuro da legenda

Redação Focus Brasil

A deputada federal Benedita da Silva marcou seu aniversário em meio às atividades do 8º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores

reafirmando sua trajetória e seu compromisso com o partido. Em uma das falas mais simbólicas do encontro, Benedita sintetizou sua posição com uma declaração direta: “Eu tenho força e energia para continuar nesse partido”.

A fala veio acompanhada de um balanço pessoal e político. “A minha vida está ligada a esse

partido”, afirmou, ao destacar a relação construída ao longo de décadas com a militância e com os processos de transformação social impulsionados pela legenda.

Ao longo de sua intervenção, Benedita também valorizou o papel coletivo do PT. “Esse partido tem história, tem luta e tem compromisso com o povo brasileiro”, disse, reforçando a centralidade da organização popular na construção política da sigla.

O momento, marcado pela coincidência com seu aniversário, ganhou contornos simbólicos ao reunir trajetória pessoal e militância. “Eu continuo acreditando nesse projeto”, afirmou, ao defender a permanência ativa no debate político e a continuidade das ações do partido.

A deputada também fez referência ao cenário atual e aos desafios do próximo período. Para ela, o fortalecimento do partido passa pela capacidade de manter o diálogo com a sociedade e reafirmar seus compromissos históricos. “A gente precisa continuar lutando, continuar organizando o povo”, disse. ■



“

Eu continuo acreditando nesse projeto político porque ele nasce da luta do povo e segue comprometido com a transformação social”



Em congresso do PT, Lula alerta para disputa de valores e critica avanço da extrema direita

Presidente afirma que forças conservadoras capitalizam o mal-estar social e defende que campo progressista responda com agenda de igualdade e direitos

Redação Focus Brasil

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que a extrema direita tem se beneficiado do mal-estar social em diferentes países e alertou para a necessidade de o campo progressista responder com um projeto baseado na redução das desigualdades e na ampliação de direitos. A avaliação foi feita durante as discussões políticas que acompanham o 8º Congresso Nacional

do Partido dos Trabalhadores.

Segundo Lula, o cenário atual é marcado por insatisfação social, que vem sendo apropriada por forças conservadoras. Para ele, a disputa não se dá apenas no plano econômico, mas também no campo de valores e da organização da sociedade.

Ao tratar do papel das forças progressistas, o presidente defendeu a construção de uma alternativa que dialogue com a população a partir de propostas concretas. A igualdade, afirmou, deve ser o eixo central dessa estratégia, em contraposição ao discurso que explora inseguranças e ressen-

mentos.

A análise se insere no contexto mais amplo das discussões sobre o posicionamento político do PT para o próximo período, especialmente com vistas às eleições de 2026. O partido tem defendido a necessidade de ampliar o diálogo social e consolidar uma base política capaz de sustentar um novo ciclo de desenvolvimento.

A fala de Lula também reforça a leitura de que a disputa política tende a se intensificar nos próximos anos, exigindo maior capacidade de articulação e comunicação por parte dos setores progressistas. ■



Congresso do PT 2026: unidade para vencer

Em artigo, Alberto Cantalice analisa o 8º Congresso do PT, destaca a unidade partidária e aponta a reeleição de Lula como eixo estratégico para 2026

Alberto Cantalice

Oitavo Congresso do Partido dos Trabalhadores contou com a entusiasmada presença de 600 delegados e delegadas, representando as vinte e seis unidades federativas, mais o DF. Realizado em duas etapas – a primeira, no último fim de semana, dedicada à discussão de pontos para o Programa de Governo e da tática eleitoral, e a segunda a ser realizada no primeiro semestre de 2027, quando serão debatidas atualizações no programa e no estatuto partidário, bem como os caminhos a serem trilhados pela Fundação do Partido.

O grau de unidade observado por todas as correntes partidárias foi fundamental para a aprovação do Manifesto à Nação que apresentamos. Cabe destacar que a unidade política e de ação do PT é a mola-mestra do nosso projeto político e a principal responsável pelas vitórias que obtivemos.

A necessidade de reeleger o presidente, para debelar a continuidade do golpismo e dar prosseguimento às transformações de caráter democrático e inclusivo, foi a tônica geral e serviu de balizador para as discussões.

Ficou claro também para todos nós a necessidade urgente de prestar contas à população sobre os resultados do governo. Assim como o dever de explicar o que foi prometido e ainda não realizado,

em decorrência do desmonte do Estado brasileiro operado pelos governos Temer e Bolsonaro.

Ficou evidenciado que o Partido dos Trabalhadores precisa dar um salto adiante nas mudanças estruturais de que a sociedade brasileira necessita. É patente que a derrota da extrema direita em 2026, além de barrar a regressão reacionária, servirá para ampliar a democracia brasileira e garantir a soberania nacional.

É nossa missão elevar o papel do povo na dinâmica do processo social e político brasileiro, historicamente marcado pelo pacto das elites, cujo elemento novo foi a chegada do Partido dos Trabalhadores ao governo federal.

É preciso ampliar o diálogo com os setores não vinculados ao extremismo direitista, para que a consolidação da democracia, a ampliação das políticas sociais e dos direitos civilizatórios superem o golpismo e o fisiologismo da vida pública e que, ancorados nas perspectivas de futuro, construamos uma nação economicamente independente, desenvolvida do ponto de vista industrial e tecnológico e comprometida com a preservação do meio ambiente.

Essa é a força do Partido dos Trabalhadores. Rumo ao futuro! ■

Oitavo Congresso do PT: pontos para um balanço

Valter Pomar

Dizem que a primeira vítima de uma guerra é a verdade. Talvez por isso circulem por aí balanços extraordinários acerca do recém-encerrado 8º Congresso. Do meu lado, prefiro a verdade, mesmo que ela possa ser “dura e desagradável”.

E a “verdade” – do nosso ponto de vista – é que estamos numa situação política muito difícil, em parte devido à ofensiva do imperialismo estadunidense e de seus serviços da extrema-direita brasileira; em parte devido à orientação equivocada implementada por setores do nosso governo e do nosso Partido.

O Congresso era necessário exatamente para aprovar uma inflexão em nossa linha, condição para que o Partido estivesse à altura da situação política. Mas isso não ocorreu, entre outros motivos porque, antes mesmo do Congresso começar, quase todo o Diretório Nacional, exceção feita a 3 votos contrários e 1 abstenção, decidiu alterar a pauta do Congresso, jogando para 2027 os debates estratégicos e organizativos. Esta decisão consolidou a transformação do Congresso em um Encontro Nacional para debater tática e diretrizes.

E como a tática já está em curso e o programa será decidido noutra instância, restavam três alternativas: i/ ou o Congresso dava

um cavalo-de-pau na linha política, o que a imensa maioria não queria fazer; ii/ ou o Congresso reafirmava de forma consistente a tática adotada até aqui, o que a maioria tentou fazer, mas de forma repleta de inconsistências e contradições; iii/ ou o Congresso servia para “animar a tropa”, o que se tornou muito difícil uma vez que Lula não compareceu.

Passado o Congresso-Encontro, houve gente muito importante dizendo que foi tudo um grande sucesso e outros dizendo que ele não deveria ter sido convocado. Da nossa parte, acreditamos que é melhor termos realizado um Congresso-Encontro do que não ter realizado nada.

Registro que fizemos o possível para que o Congresso-Encontro acontecesse de verdade. Participamos das cinco subcomissões, produzimos propostas, realizamos debates, lutamos para incluir nos documentos aprovados pontos fundamentais como a reforma agrária e a reforma da comunicação, que só entraram no Manifesto, aprovado ao final pelo Congresso porque insistimos nisso até o último instante (como se poderá verificar nas fotos da derradeira votação).

A análise das resoluções aprovadas terá que esperar que o Diretório Nacional aprove a consolidação dos textos de “Conjuntura e Tática” e “Diretrizes de programa de governo”. Ambos receberam muitas emendas (quais exatamente, não se sabe, pois a comissão de sistematização não informou o

Congresso a respeito).

Desde já destacamos que as resoluções aprovadas reforçaram a necessidade de baixar a taxa de juros, a necessidade de criar uma empresa (Terrabras) para cuidar das terras raras e minerais críticos, a defesa da reestatização da BR Distribuidora, a prioridade para a reforma agrária e para a reforma da comunicação; destacamos, também, uma importante moção sobre os 10 anos do golpe iniciado em 2016 com o impeachment da companheira Dilma Rousseff.

Foi prometido que em 2027 teremos uma segunda etapa. Sem dúvida precisamos de um verdadeiro Congresso, composto por delegados e delegadas eleitas também em 2027, com a base rediscutindo os desafios do próximo mandato presidencial, o programa e a estratégia democrática-popular e socialista do Partido, as mudanças em nosso funcionamento, os caminhos para reconstruir as relações do PT com a classe trabalhadora, em particular com a juventude trabalhadora.

Entretanto, balanços à parte, nossa tarefa agora é ganhar as eleições 2026, reeleger Lula, eleger as candidaturas do PT aos governos estaduais, congresso nacional e assembleias legislativas. Na campanha, precisamos traduzir na prática uma diretriz destacada na mesa de comunicação do Congresso: “nós não somos o sistema, nós nascemos para enfrentar a ordem”.

Se candidaturas, parlamentares e governantes agirem em coerência com essa diretriz, conseguiremos conquistar o apoio e o voto de quem já nos garantiu a vitória em 5 das 9 eleições presidenciais realizadas desde 1989: a classe trabalhadora. Lembrando que nosso desafio é não apenas vencer, mas vencer em condições de fazer um mandato superior ao atual. ■



Prisão de presidente, bloqueio, eleições, avanço progressista e reformas: como está a política na América Latina?

Lideranças políticas da Venezuela, Cuba, Colômbia, México e Argentina comentam situações políticas de seus países em seminário da Fundação Perseu Abramo

Claudia Rocha

Os países da América Latina, assim como nos aspectos culturais, possuem grandes semelhanças no âmbito da política. Ondas progressistas, ameaças de avanço da extrema direita fazem parte do cenário do continente, que encontra na unidade dos partidos de esquerda um caminho para fortalecer e consolidar as políticas públicas em benefício da classe trabalhadora e do desenvolvimento nacional.

Em 2026, dois países, Venezuela e Cuba, ganharam destaque no noticiário após os últimos ataques imperialistas sofridos a partir das

ações do presidente norte-americano, Donald Trump.

Em janeiro, o país que teve como marco a liderança política de Hugo Chávez assistiu seu presidente Nicolás Maduro ser sequestrado e preso nos Estados Unidos, onde permanece até hoje. Também neste ano, Cuba passa por um momento bastante crítico de sua história, com a radicalização do bloqueio econômico, que causa atualmente apagões permanentes, falta de combustíveis, alimentos e remédios.

A Argentina, comandada pelo ultradireitista Javier Milei, recentemente aprovou uma Reforma Trabalhista que retrocedeu diversos direitos, além de outras medidas econômicas que, cada vez mais, aumentam a pobreza e

pioram os índices sociais do país.

Enquanto isso, a Colômbia vive sob campanha política presidencial. A expectativa é eleger, no dia 31 de maio, o candidato do Pacto Histórico, Iván Cepeda e sua vice, a senadora indígena Aída Quilcué. E, no México, a presidente Claudia Sheinbaum, eleita após o progressista López Obrador, segue com grande aprovação popular e implantando novas diretrizes de políticas públicas.

Confira os depoimentos de alguns representantes partidários que estiveram presentes na delegação internacional que participou da Jornada Internacional da Fundação Perseu Abramo no 8º Congresso do Partido dos Trabalhadores.



COLÔMBIA

Pietro Alarcón, Pacto Histórico

- O país está na reta final da eleição presidencial. Quais são as expectativas do campo progressista?

- Bom, na verdade estamos em um processo muito complexo na Colômbia, mas o Pacto Histórico tem uma candidatura que recebeu um apoio muito amplo de setores, tanto do movimento social quanto de organizações políticas. Trata-se da candidatura de Iván Cepeda e de Aida Quilcué à presidência e à vice-presidência da República. As eleições são em 31 de maio, e o Pacto Histórico mantém uma ação política de mobilização permanente para, taticamente, assim nós definimos, tentar vencer já no primeiro turno.

Mas também sabemos que a direita está se rearticulando, e

é uma direita poderosa, apoiada por grandes empresários, por multinacionais e inclusive pelo governo Trump. Nesse sentido, sem ilusão. Ainda assim, acreditamos que há uma capacidade de resistência do povo e, sobretudo, existe um balanço do governo que apresenta resultados bastante positivos em termos de reforma trabalhista, reforma previdenciária e reforma agrária. Então, acho que há elementos muito positivos que devem ser levados em conta e que a população reconhece, como o aumento do salário mínimo, em uma proporção nunca antes vista na Colômbia.

Esses fatores geram uma expectativa muito grande de vitória do Pacto Histórico e muitos outros setores que, como eu disse, vêm

trabalhando junto e construindo uma espécie de bloco político chamado “Aliança pela Vida”, a grande Aliança pela Vida, que esperamos que tenha um resultado positivo.

No mês de março, já tivemos um resultado positivo nas eleições para o Congresso da República, onde a esquerda conquistou a maior bancada da história, tanto no Senado quanto na Câmara. Esse resultado também gera otimismo, mas é um otimismo realista, consciente, não exagerado ou desconectado de uma avaliação das nossas reais possibilidades de continuar no governo e aprofundar as mudanças.

- E como você enxerga a questão das ameaças imperialistas agora no continente? Como a Colômbia está se posicionando?

- Bom, do ponto de vista do governo, temos uma posição não apenas crítica, mas também entendemos que é necessário, a partir dessa crítica, construir uma alternativa que se contraponha ao fascismo, ao imperialismo e em relação à forma como vem sendo criado um ambiente de guerra, de agressão, de violência, de violação das soberanias, das ameaças contra Cuba e de interferência em processos eleitorais.

Ou seja, o imperialismo vem atuando à margem do direito internacional, e tudo isso gera uma situação que precisa ser enfrentada não apenas pelos governos, mas também pelos povos. Na medida em que os povos se unifiquem em uma ação coordenada, será possível avançar com propostas concretas que mobilizem as pessoas em torno de uma ação decidida pela humanidade, pela paz, pela vida, pelos direitos humanos e bem-estar da população. Acredito que temos uma boa possibilidade de vencer essa batalha, ainda que a conjuntura pareça muito negativa.



VENEZUELA

Saúl Ortega, PRV – Partido de la Revolución Venezolana

- A situação na Venezuela é muito difícil e complexa. Neste cenário, é possível falar um pouco sobre o que o senhor pensa da política atual no continente a partir da questão venezuelana?

- Quando falamos de complexidade é porque o mundo, em geral, está muito problemático. A governança que surgiu depois da Segunda Guerra Mundial entrou em crise nos anos 90, passou por um processo de decadência e hoje é insustentável. Estamos em uma crise, como definiu Antonio Gramsci, em que o velho não termina de morrer e o novo ainda não nasceu, e aí se abre uma conjuntura muito perigosa. Isso estamos observando isso com os conflitos, o genocídio em Gaza, a guerra na Ucrânia, o ataque à Venezuela e a guerra no Golfo Pérsico com o Irã no Estreito de Ormuz. Há uma situação muito delicada, extremamente perigosa porque, se revisarmos os antecede-

ntes históricos, o nascimento da ordem internacional que está morrendo foi precedido por mais de 50 milhões de mortos. Estamos falando de algo grave, e essa nova ordem que ainda não nasceu não se mostra diferente. Infelizmente, não será em paz. E isso torna a conjuntura muito perigosa, dado que aqueles que têm hegemonia e privilégios não querem perdê-los.

Isso explica a agressividade do imperialismo norte-americano e de seus aliados, que, claramente, mostram uma atitude suicida, porque as agressões que vemos, longe de demonstrar força, são um sintoma de fraqueza. E, nesse contexto, no caso da América Latina e do Caribe, todos estamos ameaçados. Há um desdobramento militar com porta-aviões, submarinos nucleares, navios de guerra, bases militares ativas e um conjunto de aeronaves e tecnologia de ponta apontando para todos aqueles que não se subme-

tem aos desígnios do imperialismo neocolonialista dos Estados Unidos.

Então isso torna a situação, não apenas para a Venezuela, mas para o mundo inteiro, muito perigosa neste momento. É o momento em que os povos devem se mobilizar em defesa da paz, que é um valor absoluto para todas as sociedades. Definitivamente, esses senhores da guerra são os únicos que se beneficiam e lucram às custas do sacrifício dos seres humanos, da paz, da tranquilidade e do progresso aos quais os povos têm direito. Portanto, é fundamental fortalecer toda mobilização política em defesa da paz no mundo, particularmente na América Latina e no Caribe, onde temos instrumentos. Em 2014, em Havana, em uma reunião da CELAC, assinada por todos os chefes de governo e presidentes de nossos países, declarou-se a América Latina e o Caribe como uma zona de paz. Isso foi violado pelo imperialismo norte-americano com o ataque à Venezuela e as constantes ameaças e pressões contra o povo cubano.

- Com relação à preocupação com as ameaças de violência na região, qual mensagem considera importante?

- Bom, é o que estamos observando: não apenas o uso da violência, mas também medidas coercitivas e extorsivas que eles chamam de sanções, além da interferência aberta em processos eleitorais, como vimos no caso de Honduras e da Argentina, ou seja, uma interferência direta nos assuntos internos dos países, o que é intolerável. Então, é isso que temos, esse é o cenário. E, diante disso, é importante a unidade dos povos e das forças políticas que têm a obrigação de defender a soberania de nossas nações. Isso se torna um valor muito importante neste momento.



MÉXICO

Hector Diaz Polanco, Morena

- **Claudia Sheinbaum é atualmente uma figura de destaque na política do continente. Como podemos avaliar seus feitos?**

- A presidente tem alcançado feitos destacáveis. Em primeiro lugar, deu continuidade ao que já havia sido alcançado no sexênio anterior de Andrés Manuel López Obrador em termos positivos, como manter a política social, ampliar muito os direitos das mulheres, incluindo a criação do que não existia antes no país e que agora ela inaugurou, uma Secretaria das Mulheres. Também houve o desenvolvimento de outros programas sociais que antes não existiam, principalmente, em

relação aos jovens, aos estudantes dos primeiros níveis, foi estabelecido praticamente um sistema de bolsa universal para estudantes nos diversos níveis até a universidade. Esse é, para mim, um avanço importantíssimo, porque se relaciona com outros temas, como o da criminalidade. Os lugares onde o narcotráfico e o crime organizado em geral recrutavam jovens para atividades ilícitas eram justamente compostos, em sua maioria, por jovens que haviam abandonado a escola por razões econômicas. Ao não conseguirem terminar os estudos, deixavam a escola e, conseqüentemente, eram rapidamente captados pela

criminalidade. Também manteve o sistema de salários, contribuindo para aumentar o poder de compra e, ao mesmo tempo, controlou a inflação, mantendo-a baixa. Combateu o desemprego, conseguiu reduzir a pobreza proporcionalmente e criou outros projetos produtivos que ajudam a equilibrar a economia do país. Foi desenvolvido um sistema de transporte baseado no Tren Maya, que permitirá o desenvolvimento de zonas rurais ao seu redor, além do investimento na malha rodoviária. Foi criado um plano chamado “Plano México”, que permite a criação de zonas econômicas especiais para produção industrial de alta tecnologia. Além disso, estão sendo desenvolvidos projetos no setor energético vinculados à proteção ambiental, com sistemas solares, entre outros, que permitem ao mesmo tempo gerar eletricidade e proteger áreas ecológicas.

Então, em geral, podemos dizer que é um governo muito bem-sucedido. E vale dizer que tudo isso não é teórico, a própria população expressa isso. Quase toda semana, as principais pesquisas do país perguntam sobre a aprovação, e ela está acima de 80% neste momento, o que é um sucesso evidente.

- **E com relação ao tema da defesa e da soberania nacional?**

- Sim, isso é extraordinário por várias razões. Em primeiro lugar, reafirma uma trajetória iniciada por Andrés Manuel no sentido de aplicar o que a Constituição estabelece sobre as relações internacionais, o que ganha ainda mais importância diante da política de Donald Trump, que representou um ataque à soberania dos países. Assim, princípios como autodeterminação e resolução pacífica de conflitos, que estão na Constituição e que a presidenta começou a aplicar, encaixam-se perfeita-

mente frente à tendência dos Estados Unidos de impor sua versão da Doutrina Monroe, que implica, na prática, um ataque direto à soberania dos países latino-americanos, em alguns casos inclusive com agressões armadas, como no caso da Venezuela. Portanto, a política da presidenta de promover uma visão ampliada de soberania é muito pertinente, voltada para dentro, com soberania alimentar e energética, e, para fora, atuando contra políticas expansionistas do governo de Donald Trump na América Latina. Nesse sentido, é bastante valorizada pelos países que enfrentam ameaças a sua soberania.

- Por fim, do ponto de vista do partido Morena, houve um crescimento recente no número de filiados. Como você avalia isso? É um bom momento para o partido enquanto força política?

- Sim, acredito que Morena vive um momento muito interessante, de reafirmação do que já foi conquistado. Conseguimos vencer eleições apresentando à população um bom projeto de nação, que busca não apenas manter a soberania, mas também elevar o bem-estar do povo aos níveis desejados. E essa proposta despertou interesse. Agora, ela exige bons governos, e o partido faz o possível para apoiá-los, garantindo que tenham sucesso e não se desviem de seus objetivos. Isso implica em um comportamento à altura do que a população espera de seus dirigentes, sem desperdícios, privilégios, ostentação, exibição de riqueza. Mesmo quando o dinheiro é privado, esse tipo de ostentação pode ofender a população. As pessoas devem sentir que os governantes estão ali para servir, e não para se servir. Tudo isso não é exatamente novo, mas está sendo fortalecido, consolidado e também corrigindo desvios que eventualmente surgem.



CUBA

Benigno Pérez Fernández, Cônsul-geral de Cuba em São Paulo

- Temos acompanhado as notícias de uma situação muito difícil em Cuba. Qual mensagem seria possível passar para os apoiadores neste momento?

- Bom, o povo cubano está sofrendo muito. O imperialismo norte-americano há mais de 65 anos tenta destruir a revolução cubana porque a considera uma ameaça incomum e extraordinária para a segurança dos Estados Unidos, é nisso que acreditam. Mas podemos ser uma ameaça justamente porque somos um exemplo de uma sociedade diferente que pode ser construída, e esse é o motivo de querer destruir a revolução cubana por todos os meios. E já usaram de tudo, invasão, cerco econômico, bloqueio, agora também o bloqueio ao petróleo.

Nos últimos quatro meses, apenas um navio conseguiu entrar em Cuba com petróleo, e há muitas dificuldades na indústria, nas escolas, nos hospitais, nos transportes, em tudo. Mas vamos vencer. A maioria dos cubanos sabe que nossa independência e soberania estão ligadas à revolução e ao socialismo em Cuba. E por isso vamos lutar.

- E sobre a resistência do regime?

- Neste momento, há um processo de coleta de assinaturas no país, de pessoas que estão dispostas a lutar pela independência de Cuba. E tenho certeza de que milhões dos que estão sofrendo, dos que enfrentam dificuldades no dia a dia, ainda assim estão dispostos a dar a vida pela revolução.



ARGENTINA

Ariel Elger, Partido Comunista Argentino

Milei é o melhor súdito do imperialismo norte-americano, e, na política nacional, vem avançando contra todos os interesses do povo e da classe trabalhadora. No mês de fevereiro, foi discutida no Congresso e no Senado uma reforma trabalhista que nos leva de volta a um período anterior à Revolução Industrial, uma reforma de caráter praticamente escravista. Essa reforma favorece a flexibilização do trabalho e o multiemprego,

em que a classe trabalhadora não consegue organizar sua vida, já que é estimulada a ampliação da jornada para até 12 horas, com mudanças constantes. Também se legitima a possibilidade de contratar trabalhadores de forma informal, como autônomos, sem qualquer vínculo empregatício entre o trabalhador e a empresa.

Nesse contexto, isso gerou, no movimento sindical e no movimento social, uma grande quan-

tidade de mobilizações, lutas e resistências. Infelizmente, não foi possível impedir a aprovação no parlamento, mas foi possível gerar uma base subjetiva e ideológica no povo para impulsionar novas mobilizações e lutas, que voltem a colocar a Argentina no caminho da integração latino-americana, das transformações estruturais e da possibilidade de derrotar a política de Milei nas eleições, e em todos os campos.

- Como é possível reagir a esse alinhamento tão direto de Milei a Trump? Qual é a expectativa para o próximo período?

- De fato, Milei se alinhou ao que chamam de “eixo do mal”, com Israel e com Trump. Ele fez mais de 13 viagens aos Estados Unidos e mais de três a Israel, onde se encontra e se abraça com um líder acusado de crimes de guerra e genocídio, não apenas contra um povo, mas contra mulheres e crianças, e comemora declarações sobre a possibilidade de a Argentina declarar o Irã como inimigo do povo e do Estado argentino. Isso nos coloca em uma situação de risco, podendo trazer conflitos para o nosso território, junto com a tentativa de instalar uma base militar dos Estados Unidos no extremo sul do país, com foco estratégico na Antártida.

Diante disso, para o conjunto das forças de esquerda, torna-se necessário fortalecer perspectivas anti-imperialistas e construir uma corrente de esquerda revolucionária que não apenas apoie as causas consideradas justas, como as do povo palestino, cubano e venezuelano, mas que também, ao lutar contra as políticas imperiais, vá construindo um projeto patriótico de recuperação dos recursos que estão em mãos estrangeiras, articulando esse anti-imperialismo e esse patriotismo com uma transformação radical da sociedade. ■



Governo federal irá repatriar fóssil de dinossauro brasileiro que estava na Alemanha

Retorno do objeto ao Brasil mostra disposição da atual gestão para recuperar objetos levados ilegalmente para outros países

Henrique Nunes

Um acordo firmado pelo governo federal logo após a visita oficial à Alemanha no dia 19 de abril vai trazer de volta ao Brasil o crânio de um fóssil de dinossauro levado por pesquisadores do país europeu da Chapada do Araripe, no Ceará, nos anos 1990.

Na declaração conjunta assinada pelas duas nações, além de acordos ligados ao meio ambiente, economia, tecnologia e geopolítica, está o anúncio da repatriação do fóssil do dinossauro brasileiro *Irritator challengeri*.

A ação tem endossado um das marcas registradas da atual gestão de Lula: a manutenção e ampliação das relações diplomáticas com países aliados. Para além das questões econômicas e dos acordos comerciais firmados ao longo dos últimos anos, tal postura está trazendo de volta ao Brasil diversos objetos pertencentes ao patrimônio histórico e científico nacional.

O crânio do animal pré-histórico, bastante conservado, foi contrabandeado na década de 1990 por pesquisadores alemães que levaram a peça sem o consentimento das autoridades brasileiras – a venda e comercialização deste tipo de material arqueológico

é proibida no Brasil desde 1942. É possível que ele tenha sido encontrado durante a mineração de calcário, que é muito comum na região e frequentemente tromba em registros fósseis de milhões de anos.

Ele ainda está guardado no Museu de Stuttgart, na Alemanha, onde também há dezenas de fósseis de aracnídeos e insetos brasileiros. Mas como se trata de um holótipo, peça que comprova a existência de uma espécie nova e única, o fóssil só chegou às mãos dos europeus por meio de ato criminoso. Agora, com o iminente retorno ao Brasil, a comunidade científica brasileira poderá intensificar os estudos e buscar novas informações sobre o animal.



Outros casos

Em 2025, o Ministério Público Federal (MPF) já havia anunciado a repatriação de 25 fósseis de insetos levados clandestinamente para o Reino Unido. O material, com cerca de 100 milhões de anos, também foi extraído da região da Chapada do Araripe, e são do período Cretáceo — entre 145 e 66 milhões de anos atrás. Os itens estavam sendo anunciados ilegalmente em um site especializado na venda de rochas e fósseis.

O caso mais emblemático, no entanto, ocorreu em 2024. Depois de mais de 300 anos exposto no Museu da Dinamarca, o Manto Tupinambá retornou ao Brasil em julho daquele ano. O objeto raro e sagrado do povo Tupinambá foi levado à Europa em 1644 e lá permaneceu desde então. O manto é uma peça com cerca de 1,20 me-

Ação do governo brasileiro marca avanço na defesa do patrimônio nacional e na cooperação internacional

tro de altura, por 80 centímetros de largura. Considerado uma entidade sagrada pelos Tupinambá, é confeccionado com penas de guarás, mas também com plumas de papagaios, araras-azuis e amarelas.

Na época, o presidente da Luiz Inácio Lula da Silva ressaltou que o retorno da peça é o começo de uma nova história de conquistas dos povos indígenas.

“O momento de hoje é sumamente extraordinário para que a gente reflita sobre o que acontece no nosso Brasil, desde a descoberta desse país, com os povos indígenas. O retorno do Manto para o Brasil representa a retomada de uma história que foi apagada, uma história que precisa ser contada e preservada, assim como esse manto que muitos indígenas só conhecem pela memória de seus ancestrais”, destacou. ■



“Um alívio”: STF manda SP indenizar fotógrafo que ficou cego por ação da PM em 2013

Decisão unânime da Primeira Turma responsabiliza o Estado de São Paulo por disparo da PM durante protesto em 2013 e assegura reparação após mais de uma década de disputa judicial.

Redação Focus Brasil

“Eu nem sei o que estou sentindo, só um alívio”, disse o fotógrafo Sérgio Silva após o encerramento do julgamento de seu caso na Primeira Turma do STF nesta terça-feira, 28.

Os ministros decidiram por unanimidade que o Estado de São Paulo deve indenizar o fotógrafo e pagar pensão mensal vitalícia, após ele ter perdido a visão do olho esquerdo ao ser atingido por uma bala de borracha da Polícia Militar durante a cobertura de uma manifestação, em 2013.

A decisão foi concluída com a

readequação do voto do ministro Alexandre de Moraes, que passou a acompanhar os ministros Flávio Dino, Cristiano Zanin e Cármen Lúcia, formando unanimidade no colegiado.

O julgamento também fixou o pagamento de indenização por danos morais no valor de R\$ 100 mil.

O caso havia sido rejeitado anteriormente pela Justiça de São Paulo, tanto em primeira quanto em segunda instâncias, sob o entendimento de que o fotógrafo teria assumido o risco ao permanecer em área de confronto. A controvérsia chegou ao STF por meio de recurso da defesa.

Ao rever sua posição, Moraes

adotou o entendimento de que a responsabilidade civil do Estado se mantém mesmo quando a perícia não é conclusiva sobre a origem do disparo, cabendo ao poder público demonstrar eventual causa que afaste o dever de indenizar.

Decisão reconhece responsabilidade do Estado e marca precedente

Após o resultado, Sérgio Silva destacou o significado da decisão depois de mais de uma década de disputa judicial. “Vencemos. Vencemos. Eu não consigo dizer muita coisa, sei lá o que eu estou sentindo, só um alívio. Treze anos, muito tempo sofrendo essa violência, essa injustiça”, afirmou. Segundo ele, o desfecho representa “um marco importante para a democracia, para a justiça, para a liberdade de imprensa”.

O episódio, ocorrido durante as manifestações de 2013 em São Paulo, tornou-se emblemático nos debates sobre a atuação das forças de segurança e as condições de trabalho de jornalistas em coberturas de protestos. Entidades da categoria avaliam que a decisão reforça a responsabilização do Estado em casos de violência contra profissionais da imprensa e estabelece um precedente relevante para situações semelhantes. ■



O fotógrafo Sérgio Silva (no centro) e os advogados Lucas e Maurício comemoram a decisão unânime do STF que garantiu indenização e pensão vitalícia



Fundação Perseu Abramo discute cenário internacional com lideranças partidárias da América Latina

Os seminários debateram o contexto atual do continente e a geopolítica a partir das últimas movimentações dos Estados Unidos

Claudia Rocha

Como preparativo das atividades da Fundação Perseu Abramo para o 8º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores, foram realizados dois debates de conjuntura internacional com a participação de lideranças políticas latino-americanas do campo progressista.

O evento ocorreu nesta quarta-feira (22), no auditório da fun-

dação, em São Paulo. Além dos diretores Valter Pomar e Mônica Valente, que tratam da temática internacionalista e comandaram os trabalhos dos seminários, na abertura, esteve presente o presidente da FPA, Brenno Almeida, que deu boas-vindas aos participantes.

“Estamos em um contexto especial para o PT, é um momento de reflexão a partir da conjuntura internacional, para que possamos construir nossos caminhos para que o povo brasileiro continue com esperança, justiça social e

desenvolvimento”, disse Almeida.

Integração no continente

A primeira mesa, realizada na parte da manhã, contou com as exposições de Pedro Silva Barros, pesquisador do Ipea e membro do Conselho Curador da fundação, do jornalista internacionalista Breno Altman e de Mônica Valente, diretora da Fundação Perseu Abramo.

Com o tema “A situação mundial e os desafios da integração regional latino-americana”, o debate foi iniciado com a fala de Breno



Altman, que expôs as causas e consequências das movimentações norte-americanas no âmbito da política externa.

Altman destacou que não há uma ruptura direta na atuação dos Estados Unidos frente aos outros países, mas sim uma radicalização profunda a partir da aposta no poder militar. Com isso, são duas frentes de ataques no momento: o Oriente Médio e a América Latina, com foco no Corolário Trump, conhecido também por “doutrina Donroe”, uma reinterpretação da Doutrina Monroe, a partir da ideia de que os Estados Unidos têm o direito à intervenção no continente para combater um alinhamento comercial e ideológico com a China.

“Embora o quadro histórico seja de decadência da hegemonia norte-americana, podemos considerar que o nosso período concreto agora é de uma ofensiva imperialista”, explica Altman, que relacionou a abertura das duas frentes militares.

Debate reúne lideranças da América Latina para discutir cenário internacional e desafios políticos da região

O jornalista opina que há o entendimento de que a maior contradição hoje é marcada pelo antagonismo democracia x fascismo, mas que, em sua visão, essa é uma contradição subordinada, e que a contradição principal se dá entre anti-imperialismo x impe-

rialismo, já que o fascismo é um instrumento imperialista. E que a resposta, enquanto campo político, deveria ser o fortalecimento de experiências de países que seguem em resistência ao modelo, como China, Rússia, Cuba, Venezuela, além dos partidos e movimentos de esquerda mundo afora.

Assim, Altman pontua que “a vitória ou a queda do regime cubano neste momento não diz respeito somente à Cuba, mas principalmente ao conjunto dos movimentos populares e forças progressistas da nossa região”. E completa: “essa é uma batalha emergencial, que concentra toda a situação latina, não é somente uma questão humanitária, é uma questão estratégica para o anti-imperialismo”.

Pedro Silva Barros trouxe elementos de análise com foco no olhar regional e alertou para a desintegração das redes de comércio entre os países do continente e as dificuldades de coesão no tema



da integração, o que ele considera um desastre.

O pesquisador lembrou que, nos anos 2000, os fóruns de encontro entre os presidentes do continente eram mais ativos, independente de campos ideológicos, citando o caso de reuniões que ocorriam com Alberto Fujimori (então presidente do Peru, alinhado à direita) e Hugo Chávez (presidente venezuelano, liderança marcante da esquerda).

Para o economista especialista na integração regional do continente, é necessário reafirmar que a América Latina é uma zona de paz e garantir esforços para manter ativas as alianças econômicas e políticas, como o Mercosul, a CELAC, entre outros espaços.

A diretora da Fundação Perseu Abramo Mônica Valente, que é secretária-executiva do Foro de São Paulo, trouxe um panorama eleitoral dos últimos anos na América Latina. E ressaltou a polarização e o avanço da direita no campo ideológico da juventude e o restabelecimento de um modelo neoliberal entreguista, que voltou a ter muita força com o crescimento da extrema direita no continente e o alinhamento às políticas de Trump.

“Nunca foi tão importante consolidar, debater o tema da unidade em meio a nossa diversidade

Encontro organizado pela FPA aborda conjuntura global e articulação entre forças progressistas

das forças progressistas e populares, nunca foi tão importante”, disse Valente.

Contexto dos Estados Unidos

Com o tema “A decadência estratégica e as ameaças táticas do imperialismo estadunidense”, o segundo debate foi realizado com exposições da professora da Universidade Federal do ABC, especialista em Economia Social, e integrante do DSA, o Democratic Socialists of America, Jana Silverman, e o professor de Ciência Política na Unicamp, Sebastião

Velasco.

Silverman apontou que as ondas de protestos no país, em especial contra as políticas migratórias promovidas por Trump com o serviço de imigração, o ICE, representam um ponto importante de resistência interna, porém não foram capazes de alterar a correlação de forças internamente.

Ela cita outros momentos da história norte-americana em que houve ondas significativas de manifestações, como na guerra do Vietnã e antes da invasão ao Iraque, em 2003, sem impacto direto sem alteração radical das estruturas de poder no país. A professora trouxe como parâmetro, além disso, a solidez da democracia dos Estados Unidos, que sobrevive há mais de 200 anos, com uma Constituição com uma dezena de emendas.

Sobre a postura de Donald Trump em relação à política externa, Jana Silverman comentou que o presidente está abandonando o discurso da democracia liberal e que segue com uma lógica privatista, citando o caso do anúncio da construção de resorts na Faixa de Gaza.

Já o professor Sebastião Velasco lembrou das ameaças de anexação da Groenlândia e dos ataques contra a soberania do Canadá, como tentativas expansionistas de Trump. Ele lembrou que os Estados Unidos seguem com grandes indicadores que configuram o país como potência mundial, como os gastos empenhados em defesa e a grande fatia na participação do PIB mundial.

Velasco pontuou as consequências da asfixia econômica à Cuba, a interferência na política venezuelana e o fio condutor dessas ações com a fragilidades do capitalismo a partir da crise financeira de 2008. Segundo o professor, “Trump introduziu um elemento de irracionalidade à política mundial”. ■



Presidente do PT reflete sobre o enfrentamento ao fascismo diante de delegações estrangeiras

Encontro virtual da Escola Nacional de Formação com a Fundação Perseu Abramo reúne mais de 500 participantes, apresenta a estrutura do partido e reforça a atuação da militância no cenário eleitoral

Fernanda Estima

Na manhã deste sábado (25), o presidente nacional do PT, Edinho Silva, participou de encontro com

as delegações internacionais presentes no 8º Congresso do partido, que ocorre desde o dia 23, em Brasília (DF). Além do presidente do partido, Monica Valente e Brenno Almeida estiveram na mesa representando a Fundação Perseu Abramo.

Na plateia, representantes de

diversos partidos de esquerda e progressistas de diversas regiões do planeta. Edinho agradeceu a presença dos convidados e convidadas, informando a importância deste momento não só para o Brasil, mas para todo o mundo.

“Vivemos um momento muito importante da história do nosso país e também mundial. O momento conjuntural, a ascensão do pensamento fascista no mundo todo, ascensão da ultra direita na América do Sul e Latina”, alertou Edinho, que também elencou as últimas ações de Donald Trump contra o direito internacional, de intervenção em nações soberanas e que hoje, “para nós, é a maior figura fascista da atualidade, seja pelas suas posturas internacionais, como foi o caso do tarifaço contra o Brasil, ou o uso de medidas como forma de opressão e a violência econômica, as guerras e desrespeitos ao direito internacional”.

Os desafios internacionais contra o fascismo e autoritarismo, “que mobiliza milhões em nosso país, mostra que conseguimos impor derrota ao fascismo na eleição de 2022”, fizeram parte da saudação do presidente.

As 720 mil mortes na pandemia, “a maior tragédia humanitária da nossa história, sendo que 400 mil mortes poderiam ter sido evitadas se Bolsonaro tivesse tomado as medidas que boa parte dos países tomaram” e a destruição de políticas públicas naquele período mostram que o fascismo de fato faz mal às nações e suas populações. A ação do PT no próximo período será de unificar o partido e a esquerda brasileira na leitura de quais as condições políticas enfrentaremos nas eleições de 2026 e uma agenda para o país. “O Congresso deve orientar a militância e os partidos aliados e criar unidade na ação para enfrentar o debate e vencer a mentira”, finalizou. ■



Eleições e América Latina: organização popular e solidariedade internacional

Jornada Internacional, organizada pela FPA para o 8º Congresso do PT, reuniu representantes de Cuba, Colômbia, México e Brasil

Fernanda Estima

Nesta quinta-feira, 23 de abril, a Jornada Internacional da Fundação Perseu, realizada no âmbito da programação do 8º Congresso do PT, reuniu representantes do Brasil, Cuba, Colômbia e México para

debater eleições e soberania na América Latina. No público, além da militância petista, delegações internacionais que vieram assistir aos debates.

Com mediação de Monica Valente, representando a Fundação Perseu Abramo e o Foro de São Paulo, o debate ofereceu as propostas dos países irmãos para a conjuntura atual. “Esta programação é a contribuição da FPA ao

debate político que irá ocorrer no Congresso do PT, a partir de temas que preocupam a nossa base, que quer debater e aprofundar”, disse Monica.

Para ela, o momento que vivem os países do nosso continente, é preocupante, desafiador e complexo. “Em nossos países acompanhamos com preocupação o que está acontecendo e buscamos alternativas para defesa da democracia, da justiça e inclusão social”.

O debate teve a participação do secretário de Relações Internacionais do PT, senador Humberto Costa (PT-PE), que também é representante brasileiro no Mercosul, Héctor Días Polanco, do Morena (México), Víctor Manuel Cairo Palomo, embaixador de Cuba, e Pietro Alarcon, do Pacto Histórico (coalisão de partidos e movimentos) da Colômbia.

Humberto Costa elencou as várias situações de conflito no planeta a partir da ação imperialista de Donald Trump e como pode-

mos enfrentar esses desafios em duas eleições muito importantes para a região: Brasil e Colômbia.

“As eleições na América Latina têm como característica a influência do governo Trump e como se dará essa interferência agora, no Brasil e Colômbia. De que maneira essa interferência pode se manifestar, qual efeito e como podemos enfrenta-la? As várias formas de interferência do governo Trump, e uma delas é o apoio político a determinados candidatos tentando beneficiar seus escolhidos, a exemplo do que aconteceu na Hungria quando tivemos a participação dos Estados Unidos até em comícios. No atual momento avalio que no caso do Brasil e Colômbia o endosso de Trump seja mais negativo do que positivo nestes países”, avaliou o senador petista.

E também acredita que é preciso união dos países para temas urgentes, como a regulação das plataformas e redes sociais. “A polarização e a violência política, à medida que nos aproximamos da eleição, é resultado da interferência externa na influência pelo voto das pessoas. O mundo está de olho no que está acontecendo no Brasil e na Colômbia”. Para o senador, é preciso construir um caminho que reforce as forças progressistas no campo internacional.

Victor Manoel Cairo Palomo, embaixador de Cuba, relembrou os muitos anos de embargo dos Estados Unidos contra seu país. “A interferência é direta e certa nos processos eleitorais em nossos países. A Revolução Cubana defende a soberania dos países do mundo e essa postura é histórica como parte de nossa luta contra a extrema direita. Estamos lutando contra algo que não é novo, a diferença hoje é que todos os países sentem o mesmo que Cuba enfrenta há mais de 60 anos. As

ditaduras militares de nosso continente foram apoiadas pelos Estados Unidos. A interferência delas na nossa história não é nova e Trump não é um maluco, ele pretende dominar nossos territórios. Estamos lutando contra o imperialismo ianque em sua versão mais agressiva”.

O embaixador também falou sobre as mentiras e o uso do medo por Donald Trump como método para controlar e ocupar territó-

Articulação regional e solidariedade internacional aparecem como eixos centrais diante da conjuntura política

rios soberanos. “É um grande perigo as tentativas dos Estados Unidos de usar o medo ou mentiras como instrumento de coerção política. Trump todos os dias se levanta e fala uma mentira e a mídia reproduz os mesmos códigos de Trump, que realiza um ‘reality show’ cotidiano”.

Para Palomo, “a única forma de deter Trump é o povo dos Estados Unidos e do mundo todo frearem seu presidente. A institu-

cionalidade estadunidense pode parar a extrema direita, mas precisa de apoio do mundo. As pessoas éticas tentam parar Trump. Os movimentos, os deputados e senadores, e partidos devem organizar essa ação dentro dos Estados Unidos”.

Pietro Alarcon, do Pacto Histórico (coalisão de partidos e movimentos) da Colômbia contou sobre a realidade colombiana. O país realiza suas eleições no dia 31 de maio. “Somos um sujeito político que disputa com a extrema direita na Colômbia. Somos contra as guerras, o compromisso do Pacto Histórico na atual conjuntura é pensar o significado das eleições, tanto da Colômbia como no Brasil, mas também o que representa a solidariedade e o internacionalismo para o futuro da América Latina e Caribe”.

Alarcon avalia que estas eleições ocorrerão em uma conjuntura de profunda crise estrutural no planeta. “O capitalismo estar em crise não é só um slogan. Há sim uma crise estrutural que busca reconfigurar geopoliticamente o mundo”, disse. Ele defende a necessidade de novos atores internacionais, como os Brics, e a luta pela paz diante de graves conflitos internacionais. “As classes dominantes e a mídia tradicional têm tentando ocultar de várias maneiras as lutas que praticamos em nome da paz, contra o genocídio em Gaza, contra os ataques dos Estados Unidos à soberania de países. Vencer em 31 de maio é fundamental para aprofundar as mudanças na Colômbia”.

Os debates desta quinta-feira apontam para a necessidade de projeto alternativo e democrático para a região, construindo uma política internacional democrática e aliança entre o político e social, para assim avançar na configuração de sociedades justas, igualitárias, diversas e em paz. ■



No coração do capitalismo, uma nova esquerda desafia o “sonho americano” e redefine a política nos EUA

Em debate, dirigente do DSA analisa a falência do sonho americano e a ascensão de uma nova geração que ocupa espaços de poder contra a desigualdade e o imperialismo

Fernanda Estima

No marco da Jornada Internacional da Fundação Perseu Abramo, realizada neste sábado (25) durante o 8º Congresso do PT, o cenário político dos Estados Unidos foi analisado sob uma perspectiva que foge aos estereótipos tradicionais. Com a mediação de Mônica Valente, diretora da Fundação, a dirigente do Democratic Socialists of America (DSA), Jana Silverman, apresentou um diagnóstico profundo sobre a ascensão do socialismo democrático em solo estadunidense e os desafios

impostos por uma economia que, pela primeira vez em gerações, rompeu seu pacto de prosperidade com a juventude.

O debate destacou que a atual energia anticapitalista nos Estados Unidos não é um fenômeno abstrato, mas uma resposta direta à falência do chamado “sonho americano”. Pela primeira vez na história do país, a geração millennial e seus sucessores enfrentam uma qualidade de vida inferior à de seus pais. O cenário descrito pelas palestrantes é de uma desigualdade gritante, onde 1% da população controla US\$55 trilhões, enquanto jovens herdam dívidas estudantis que ultrapassam os US\$200 mil em um sistema de saúde e educação majoritariamente

privados. “Essa “boca de jacaré” econômica, que achata salários e polariza o mercado de trabalho, serviu de combustível para que o DSA saltasse de 3 mil para mais de 90 mil membros ativos, com uma média de idade de 31 anos”, comenta.

Jana Silverman, coordenadora geral do Comitê Internacional do DSA, resgatou a trajetória da organização, fundada em 1982 a partir da fusão do Comitê Organizador Socialista Democrático com o Movimento de Nova Esquerda. Ela enfatizou que a máquina partidária tradicional tentou frear o avanço dessa nova onda, mas não pôde conter a ocupação de espaços institucionais. “Hoje, o DSA não é apenas uma força retórica,



mas uma organização com mais de 180 cargos eleitos em diversos níveis, incluindo vereadores em estados conservadores como Idaho e Flórida, além de nomes de peso no Congresso Nacional e prefeituras de relevância global. É a maior experiência de governança da esquerda socialista nos EUA desde a década de 1930, conduzida por uma geração que se profissionaliza no exercício do poder sem perder o rigor ideológico”, afirma Jana.

O diferencial do DSA, conforme pontuado por Silverman, reside na sua estrutura orgânica e militante. Diferente da dinâmica financeira das campanhas americanas, que chegam a custar milhões de dólares, o DSA sustenta-se no trabalho voluntário e em uma disciplina programática rígida, onde candidatos passam por sabatinas e compromissos formais para obter o aval da organização. Na prática cotidiana, essa atuação se traduz em frentes solidárias: desde o apoio logístico a famílias de imigrantes com medo da deportação até vitórias estratégicas, como a articulação

Movimento progressista ganha espaço nos EUA ao confrontar desigualdade e questionar o modelo econômico dominante

com sindicatos de aeromoças que resultou no rompimento de contratos de companhias aéreas com o serviço de imigração (ICE) para voos de deportação.

No plano internacional, a atuação das socialistas em Washington busca tensionar a hegemonia

imperialista. A pauta é clara na defesa do fim do bloqueio a Cuba, no envio de insumos médicos à ilha e no lobby contra legislações que permitam o uso de armamento em ações contra o governo cubano. Além disso, a solidariedade à Palestina foi classificada como prioridade máxima, denunciando o uso de recursos públicos americanos no que definem como um genocídio em curso, ao mesmo tempo em que defendem a normalização das relações com a China para evitar uma nova Guerra Fria.

Ao encerrar o painel, ela reiterou a importância dessa conexão entre a esquerda brasileira e os movimentos progressistas dos Estados Unidos. A presença de vozes socialistas no “coração do capitalismo” representa não apenas um contraponto ao movimento MAGA e à violência policial sistêmica que persistiu mesmo em governos democráticos, mas um passo fundamental para uma nova arquitetura política global, baseada na solidariedade entre as classes trabalhadoras de todo o continente. ■



Brasil e China reafirmam aliança pela prosperidade compartilhada e soberania tecnológica no encerramento da Jornada Internacional

Durante evento realizado no 8º Congresso do PT, representação chinesa propõe cooperação em Inteligência Artificial e alerta para a urgência da autonomia digital brasileira

Fernanda Lima

O encerramento da jornada internacional da Fundação Perseu Abramo, realizado neste domingo (25), durante o 8º Congresso do PT, consolidou-se como um espaço estratégico de convergência diplomática e defesa da soberania tecnológica.

A roda de conversa sobre a Chi-

na, coordenada por Valter Pomar, diretor de Cooperação Internacional da Fundação, trouxe à mesa vozes centrais da diplomacia chinesa: o embaixador extraordinário e plenipotenciário Zhu Qingqiao e o ministro-conselheiro Li Qi.

O encontro não apenas celebrou a longevidade das relações bilaterais, mas traçou um manifesto em defesa de uma “prosperidade compartilhada”, que rompe com as lógicas hegemônicas tra-

dicionais.

O embaixador abriu o debate, situando a modernização chinesa como um processo profundamente humanista, ancorado nas raízes do confucionismo e na ética política, que coloca o ser humano no centro das decisões de Estado. Ao revisitar a trajetória de superação da China, do século XIX, marcada por acordos desiguais e escassez até a ascensão contemporânea, o embaixador enfatizou que o socialismo chinês não é uma dou-



trina estática, mas uma prática que se adapta constantemente às realidades históricas. Para Zhu, a China escolheu o futuro e acredita que o Brasil caminha na mesma direção, instando as duas nações a ocuparem juntas o “lado certo da história” na construção de uma ordem mundial multilateral.

Em uma fala pragmática e direta, o ministro-conselheiro Li Qi desconstruiu narrativas ocidentais que tentam enquadrar o crescimento chinês sob a ótica da ameaça.

Rejeitando a validade da Doutrina Monroe para as relações atuais, Li afirmou que a diplomacia com o Brasil se resume ao conceito de ganho comum. “A China não pode alcançar a prosperidade sozinha, ela se fortalece na aliança”, pontuou.

O diplomata destacou que o sucesso econômico do país, hoje a segunda maior economia do globo, é um meio para um fim social que sempre foi garantir às famílias acesso a educação de primeira qualidade e saúde.

A soberania digital e a transição tecnológica emergiram como

Brasil e China reforçam cooperação em tecnologia e desenvolvimento em meio a mudanças no cenário global

os pontos mais sensíveis e urgentes da pauta. Li Qi defendeu que o Brasil deve desenvolver sua própria infraestrutura tecnológica, mencionando o dado crítico de que 60% dos dados brasileiros estão armazenados em servidores norte-americanos. A proposta chinesa é de cooperação para que

o Brasil desenvolva modelos de linguagem de larga escala soberanos, protegendo sua soberania digital.

Exemplos de colaboração científica, como o projeto do radiotelescópio BINGO, uma iniciativa multilateral que inclui o Reino Unido, foram citados para ilustrar que o foco chinês está no avanço do conhecimento humano e não em disputas territoriais ou bélicas.

“Estamos olhando para o céu e não para outros países”, afirmou o ministro, reiterando que o desenvolvimento de robótica e inteligência artificial visa a melhoria da vida e não o armamento.

No campo energético e industrial, o debate expôs a liderança da China na transição verde. Atualmente, o país produz cerca de 30 milhões de veículos, com uma fatia crescente de elétricos, e consome 65% de energia produzida internamente, com forte expansão das fontes eólica e fotovoltaica. Essa segurança energética é vista como pilar de estabilidade para as empresas que buscam previsibilidade para investir.

Ao encerrar o evento, a mensagem deixada foi de respeito mútuo à soberania nacional. Li Qi ressaltou que, se nos anos 80 a China exportava recursos básicos em troca de tecnologia de alto valor, hoje o país entende que cada nação, especialmente uma rica em recursos como o Brasil, tem o direito e o dever de desenvolver sua própria indústria competitiva.

O apoio às falas do presidente Lula sobre a maior participação do Sul Global nas decisões de paz foi o ponto final de um encontro que reafirmou o Brasil como um parceiro prioritário da China na construção de uma nova governança global, na qual o desenvolvimento tecnológico sirva como ferramenta de emancipação social, não de dependência. ■



FPA inicia digitalização das edições impressas da revista Teoria e Debate

Acervo da revista criada pelo PT e editada pela Fundação Perseu Abramo desde 1997 poderá ser consultado online em breve

Henrique Nunes

Criada em 1987 pelo diretório regional do Partido dos Trabalhadores de São Paulo para reunir reflexões e análises sobre as mais variadas áreas de conhecimento, a revista Teoria e Debate permaneceu exclusivamente impressa até 2011, quando passou a ser disponibilizada também online.

Agora, prestes a completar 40 anos da revista, a Fundação Perseu Abramo está concluindo a digitalização de todo o acervo anterior à criação da versão digital. O trabalho está sendo feito em conjunto pela equipe do Centro de

Documentação e Memória Sérgio Buarque de Holanda (CSBH) sob a supervisão editorial da revista.

“A quarentona da esquerda está toda modernizada. Debates fundamentais agora acessíveis para mais gente interessada na história, memória e nas lutas que ainda travamos”, celebrou Fernanda Estima, editora da TD.

A previsão é que nas próximas semanas, todas as edições já estejam disponíveis para consulta ou download no site da FPA.

Pluralidade

Com enfoque na reflexão e no debate de temas pertinentes ao campo progressista do Brasil e do mundo, assim como polêmicas em economia, sociedade e cultura, a revista manteve como prin-

Iniciativa preserva acervo histórico da revista e amplia acesso público a décadas de reflexão política e cultural

cípio básico a pluralidade de opiniões desde o primeiro número. Em abril de 2026, a revista chegou à sua edição de número 267.

Em comum, todas as publicações tiveram como foco a pluralidade de ideias e a construção de conteúdo com a participação de grandes nomes do pensamento nacional e internacional. Por meio de artigos, estudos, pesquisas e análises, a TD se mantém com repertório gabaritado para oferecer uma leitura do passado, presente e futuro sempre com base em informação de qualidade.

Projeto ousado

Outra característica marcante da TD, além do vasto material produzido, é o seu projeto gráfico. “A publicação tinha muito texto, entrevistas de até dez páginas, debates de nove... Ao todo, chegava a oitenta páginas. A cada trimestre era convidado um artista, cujas obras ilustravam o número, além da capa. Imagens quase sempre abstratas davam o respiro para tanto texto, além de divulgar o artista, que tinha sua biografia publicada em toda edição”, lembrou a jornalista Rose Spina em texto assinado para o 40º aniversário da revista. ■



27/04/2004

Governo Lula anuncia criação do Samu 192

O presidente Lula assina o Decreto nº 5.055/2004, criando o Serviço de Atendimento Médico de Urgência (Samu), que funcionará por meio de parcerias entre o governo federal, estados e municípios.

O serviço destina-se a prestar socorro imediato a pessoas em situação de emergência de saúde, no local da ocorrência, garantindo atendimento adequado ao ambiente pré-hospitalar e acesso ao sistema de saúde. Os serviços de atendimento pré-hospitalar do Samu são acionados por discagem rápida pelo número 192.

Para o funcionamento do Samu, o Executivo federal participa com uma contribuição mensal a estados e municípios, bancando 50% do custeio dos serviços de emergência.

Por se basear em parcerias entre governo federal, estados e municípios, o Samu enfraquece as práticas coronelistas que consistiam em usar a concessão de ambulâncias como moeda de troca por favores políticos.

Até 2014, o serviço seria implantado em 2.926 municípios, com 3.182 ambulâncias, garantindo cobertura em situações médicas de urgência a 73% da população brasileira.



26/04/1961

As ambiguidades de Jânio Quadros

Ao assumir a Presidência, Jânio Quadros, com a ajuda do ministro das Relações Exteriores, Afonso Arinos de Melo Franco, inaugurou a política externa independente (PEI).

Na contramão do conservadorismo de seu governo em questões de economia e de costumes, a política externa de Jânio expressava o desejo de autonomia brasileira no cenário internacional, a necessidade de diversificação de parcerias e a ênfase na ideia de desenvolvimento. Seu sucessor, João Goulart, manteria essa política.

No cenário conturbado que se criou na América Latina depois da Revolução Cubana, a ação de Jânio foi mais autônoma e ousada. O Brasil criticou a decisão do presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, de organizar uma

invasão à ilha. Posteriormente, condecorou Che Guevara, então ministro da Economia de Cuba, com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, a mais alta comenda brasileira atribuída a personalidades estrangeiras.

Durante o governo de Jânio Quadros, o Brasil buscou se distanciar do alinhamento automático à política externa norte-americana. Restabeleceu relações diplomáticas com a Hungria e a Romênia e aproximou-se da Bulgária e da Albânia, então sob influência soviética.

Jânio também avançou na política externa africanista, abrindo embaixadas no Senegal, no Daomé (futuro Benim) e na Etiópia. Nessa mesma época, nomearia o primeiro embaixador negro da história da diplomacia brasileira, Raimundo de Souza Dantas.

Bombas matam um e ferem capitão no “show” de 1º de maio

Duas bombas explodiram no Rio-Centro, ontem às 21h, pouco depois de começar o show comemorativo do Dia do Trabalho. A primeira, no Puma OT-0297, matou um homem moreno, de barba, que não pôde ser identificado no local, e feriu o Capitão do Exército, Wilson Luis Chaves Machado, 33 anos, internado em estado grave no CTI do Hospital Miguel Couto. Da Arma de Cavalaria, o Capitão está lotado no Pelotão de Motociclistas da PE.

A segunda explosão foi na caixa de freios



30/04/1981

Bomba no Riocentro implode terror militar

Morre o sargento do Exército Guilherme Pereira do Rosário e fica gravemente ferido o capitão Wilson Dias Machado na explosão de uma bomba no estacionamento do Riocentro, no Rio de Janeiro. O explosivo era manuseado pelo suboficial dentro de um carro. Os dois militares eram agentes do DOI-Codi do 1º Exército e planejavam detonar o artefato no auditório do pavilhão, no qual 20 mil pessoas assistiam ao show comemorativo do 1º de Maio. O objetivo era criar pânico na plateia e responsabilizar um grupo de esquerda pelo atentado. A explosão acidental da bomba frustrou o plano terrorista e abriu a mais grave crise política do governo do general presidente João Baptista Figueiredo.

A participação de militares num plano criminoso, que poderia ter feito um número incalculável de vítimas, chocou a sociedade. Em vez de investigar e punir os responsáveis, o governo da “abertura” ajudou o comando do 1º Exército a acobertá-los, por meio de um inquérito fraudulento.

A bomba explodiu por volta das 21h20. O barulho não foi percebido pelo público dentro do auditório, onde se apresentava a cantora Elba Ramalho. Minutos depois, uma segunda bomba explodiria

na casa de força do Riocentro, mas não foi suficiente para cortar a energia. Ao final do show, o cantor Gonzaguinha informou à plateia: “Pessoas contra a democracia jogaram bombas lá fora para nos amedrontar”.

Todas as evidências apontavam para um “acidente de trabalho” em meio a um crime premeditado. O chefe da segurança do Riocentro havia sido substituído naquele dia. O policiamento do show tinha sido cancelado. O sargento Rosário e o capitão Wilson foram vistos na tarde do atentado num restaurante, em companhia de outros agentes do DOI e do Centro de Informações do Exército (CIE), examinando mapas. Havia pelo menos duas granadas dentro do carro em que estavam — um Puma com chapas falsas, registrado em nome do capitão Wilson.

No dia do atentado, placas de trânsito no caminho do Riocentro foram pichadas com a sigla VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), grupo de esquerda que não existia desde 1973, quando foi liquidado pela repressão. Fotos das pichações foram feitas “para aproveitamento na imprensa”, segundo relatório do então chefe do DOI-Codi, coronel Julio Molinas Dias, que seria revelado em

2012. O CIE e o Serviço Nacional de Informações (SNI), chefiado pelo general Octavio Medeiros, sabiam previamente da “Missão 115 - Operação Centro”, nome de código do atentado planejado pelo DOI-Codi.

O coronel Luiz Antônio do Prado Ribeiro, nomeado para presidir o Inquérito Policial-Militar, renunciou dias depois quando os indícios contra militares do Exército começaram a ser revelados pela imprensa. Foi substituído então pelo coronel Job Lorena de Sant’Anna, que entregaria um relatório sustentando a versão do DOI-Codi: contra todas as evidências, o sargento e o capitão teriam sido vítimas de uma bomba colocada no carro, “provavelmente por subversivos”.

Em 1999, o caso foi reaberto pela procuradora da República Gilda Berer. Novo IPM, conduzido pelo general Sérgio Conforto, concluiu pela responsabilidade do sargento Rosário, do capitão Wilson (naquela altura promovido a coronel), do ex-chefe da Agência Central do SNI, general Newton Cruz (pelo crime de prevaricação) e do ex-chefe da agência do SNI no Rio, coronel Freddie Perdigão. O coronel Perdigão, um dos mais notórios torturadores do período, foi apontado como mentor do crime. O Superior Tribunal Militar considerou que o caso estava coberto pela Lei de Anistia.

Depois da explosão do Riocentro, cessou a onda de atentados terroristas iniciada no ano anterior.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

memorialdademocracia.com.br




FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores


PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO *que transforma*

 @fpabramo

 @fpabramo

 Fundação Perseu Abramo

 (11) 5571-2609

 fpabramo.org.br

 teoriaedebate.org.br

 fpabramo.org.br/focusbrasil

formação **FPA**

DIRETORIA DE
FORMAÇÃO
ESCOLA
NACIONAL DE
FORMAÇÃO

NAPPs

NOPPE
Núcleo de Estudos em Políticas da Educação



Centro de
Documentação e
Estudos Políticos
Sérgio Buarque
de Holanda